

# **Futebol e Comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil**

**Ronaldo Helal<sup>1</sup>**

(observação: artigo publicado em *Comunicação, Mídia e Consumo*. São Paulo, v. 8, p. 11-37, 2011)

## **1. Introdução: o descaso das ciências sociais**

O futebol no “País do Futebol” levou certo tempo para chamar a atenção da academia. O antropólogo e professor de comunicação social, José Carlos Rodrigues, afirmou, por exemplo, logo no início de um artigo publicado em 1978 o seguinte: “é tão sensível a importância atribuída a este esporte em nossos cotidianos, que um forte contraste se estabelece de imediato entre esta relevância e o descaso a que ainda o têm relegado os nossos cientistas sociais”<sup>2</sup>. O artigo de Rodrigues fazia uma análise crítica, utilizando-se de instrumentos teóricos da antropologia – principalmente aqueles que dizem respeito aos rituais -, do jogo de despedida de Pelé da seleção brasileira de futebol em 1971. O tal “descaso” das ciências sociais com o futebol no país dava margem para que Rodrigues afirmasse, no mesmo parágrafo, que ele (o descaso) seria “por si só um assunto revelador no campo da sociologia da ciência e das relações entre saber e poder no Brasil” (1992: 75).

O Brasil mudou muito desde então. Tivemos o processo de abertura política, o fim do regime militar, o clamor pelas eleições diretas, o ressurgimento e a consolidação da democracia, a estabilização da moeda e, por fim, mas não menos importante, a constituição da literatura acadêmica sobre o futebol no Brasil. As relações entre saber e poder no Brasil se modificaram, principalmente com o fim da censura.

O objetivo deste artigo é apresentar, de forma sucinta, o processo do surgimento e a trajetória dos estudos acadêmicos sobre o futebol brasileiro, principalmente os que buscaram – e os que ainda buscam - entender a relação do esporte com questões identitárias e sua relação com o campo da comunicação.

---

<sup>1</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCS/Uerj); pesquisador do CNPq; colíder do grupo de pesquisa “Esporte e Cultura” da FCS/Uerj, autor de diversos trabalhos sobre mídia e esporte, dentre os quais se destacam os livros *Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*, *Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: interações* e *A Invenção do País do Futebol: mídia raça e idolatria*, estes últimos em coautoria com Hugo Lovisolo e Antonio Jorge Soares.

<sup>2</sup> Artigo publicado originalmente na *Revista Comum*, Rio de Janeiro, Facha, 1978. Ele foi republicado em Rodrigues (1992).

Estamos cientes dos riscos que corremos ao fazermos uma seleção das principais obras e debates que contribuíram para o surgimento e consolidação do campo. Toda seleção possui uma dose de “inevitável arbitrariedade”. O fato é que o campo cresceu muito e, por isso, optaremos por apresentar e discutir os trabalhos que consideramos emblemáticos em suas respectivas épocas, bem como aqueles que voltaram suas atenções para o tema “futebol, mídia e nação”. Ou seja, os trabalhos que, no nosso entender, foram fundamentais para a constituição do campo.

## **2. O surgimento do campo e a perspectiva apocalíptica**

A literatura acadêmica sobre o futebol brasileiro começou a se constituir alguns anos após a publicação do livro *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*, organizado por Roberto DaMatta e publicado em 1982. Até este momento, os estudos eram escassos e havia uma tendência a se utilizar uma perspectiva “apocalíptica”, nos termos de Eco (1979), influenciada pelo marxismo, que considerava o futebol uma variante do ópio dos povos, uma poderosa força de alienação dos dominados.

O trabalho de Ramos *Futebol: Ideologia do Poder* (1984) seria o exemplo mais emblemático desta perspectiva. O autor se utiliza de um livro de Louis Althusser *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado* que, durante certo tempo, - década de 1970 - fez muito sucesso no Brasil, principalmente nas escolas de comunicação. O esquema Althusseriano era útil, na época, para se compreender o poder dos regimes totalitários e a falta de “consciência de classes” do operariado. Lembremos que para a teoria marxista o operariado tinha um papel fundamental, quase que “messiânico” na revolução socialista/comunista que iria acabar com o capitalismo. No entanto, apesar de Marx falar em inexorabilidade da derrota do capitalismo e “motor da história”, o operariado deveria adquirir o que se denominou chamar de “consciência de classe” – tema que foi motivo de muitas críticas e debates no meio acadêmico marxista e não marxista<sup>3</sup>. O fato é que o capitalismo perdurou por muito mais tempo do que previam os marxistas e o operariado não tinha adquirido a tal “consciência de classes”. Como explicar a falta desta “consciência”?

---

<sup>3</sup> Ver *O Manifesto do Partido Comunista* de Karl Marx e Friedrich Engels (1997) para uma análise detalhada dos principais pontos do marxismo. Ver *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* de Max Weber (2002) para uma crítica ao marxismo e a explicação da sociedade a partir da estrutura econômica, ainda que o autor não cite Marx uma vez sequer, e o artigo do mesmo autor “Classe, Estamento, Partido” para uma crítica sobre a complexidade do conceito “classe social” (1979).

No esquema Althusseriano, a escola seria a principal vilã – o correspondente do que teria sido a Igreja na Idade Média. Claro que Althusser se baseava no sistema educacional da Europa. No caso brasileiro e latino-americano, os meios de comunicação foram apontados como o principal aparelho ideológico<sup>4</sup>. Já para Ramos, o futebol seria um dos aparelhos ideológicos do estado que contribuiria para a perpetuação do regime, desestabilizando as “contradições do capitalismo”, impedindo a consciência crítica e “docilizando” as massas. Assim, junto com os meios de comunicação de massa, o futebol seria um destes aparelhos ideológicos mais eficazes do poder.

Além de Ramos, o próprio artigo de Rodrigues (1978, 1992) anteriormente citado pode ser visto como um exemplo desta visão “apocalíptica” do papel do futebol no país. Ao analisar detalhadamente o “ritual” da partida de despedida de Pelé da seleção brasileira, utilizando-se de narrativas no material jornalístico, Rodrigues diz que a festa foi “conotativamente um discurso sobre a sociedade” (1992: 87). Discurso este que induzia ao raciocínio de que a sociedade brasileira seria democrática, livre, sem problemas raciais, lugar onde as regras do jogo seriam as mesmas para todos, com as mesmas oportunidades e obstáculos, sem distinção de classe e cor. Recordemo-nos de que o país vivia, naquele período, sob as regras do regime militar. Rodrigues afirma ainda, ao final do artigo, que o ritual de despedida da partida de Pelé da seleção brasileira “tratou-se, na realidade, de minuciosa obra de arquitetura, de cálculo e de engenharia comunicacional e política” (1992: 88).

Ainda que datado, “filho” de uma conjuntura política de repressão política, onde o “inimigo” era visível e notório, talvez o maior mérito do artigo de Rodrigues – entre outros - seja o de possuir certa atemporalidade, no sentido de indicar caminhos para se estudar “ritos esportivos” como “metalinguagens”, independente da conjuntura política do momento, entendendo o esporte como uma “drama” da vida social, corrente acadêmica que vai marcar a virada argumentativa dos então escassos estudos sobre o futebol no país, a partir de 1982 com o livro organizado por Roberto DaMatta *Universo do Futebol*, o qual analisaremos adiante.

Em concordância com o clima da época de início de “abertura política” no país, encontramos em um mesmo periódico – *Encontros com a Civilização Brasileira*, número 5 - dois artigos que também poderiam ser encaixados sob a rubrica

---

<sup>4</sup> Ver Dorfman e Mattelart (1980).

“apocalípticos”. Joel Rufino dos Santos em “Na CBD até o papagaio bate continência” inicia sua análise criticando o descaso dos estudos acadêmicos sobre o futebol: “Os estrangeiros se surpreendem que no ‘país do futebol’ não se haja escrito uma única história do futebol”(Santos, 1978: 119/120). Seu ensaio fala da “militarização” da seleção brasileira de futebol, da falta de negros na equipe, da “decadência” do nosso futebol, porém, apostando, de maneira otimista, que o suposto declínio deste esporte no país estaria com os dias contados: “Olhando para trás, a decadência de hoje não vai passar de uma crise” (Santos, 1978: 128)<sup>5</sup>.

Jacob Klintowitz em “A Implantação de um modelo alienígena exótico e outras questões pertinentes: a seleção brasileira de futebol – 1978”, na mesma revista, afirma que “foi adotada na seleção-78 uma linha expressiva não brasileira” (Klintowitz 1978: 115). O autor, tal como Santos, “denuncia” a “militarização” da seleção, critica o excesso de “obediência”, a falta de “dribles” e a “linguagem tecnocrata”. Diferente de Santos, no entanto, o artigo de Klintowitz não aposta em dias melhores e termina com o tom apocalíptico.

Muniz Sodré em *O Monopólio da Fala*, publicado originalmente em 1977 e que pode ser considerado hoje um dos clássicos para a fundação de uma Teoria da Comunicação no país, dedica o último capítulo ao futebol. O capítulo se intitula “Futebol, teatro ou televisão?” O próprio título do livro de Sodré já poderia, por si só, colocá-lo embaixo da rubrica “apocalípticos”. O artigo, no entanto, apresenta algumas passagens que poderíamos classificar como “otimistas” quando, por exemplo, fala da participação do torcedor no “espetáculo”: “a torcida (...) faz parte necessária do show” (Sodré, 1984: 141). E também quando coloca que seria “um grande erro supor que a complexidade do futebol brasileiro possa cingir-se à conceituação de um ‘aparelho esportivo’, algo capaz de reproduzir o tempo todo, de modo reflexivo, a ideologia ou o sistema de relações do poder dominante” (Sodré, 1984: 152). A expressão “aparelho esportivo” é uma clara menção ao texto de Althusser mencionado por nós na apresentação do trabalho de Ramos (1984). Ao mesmo tempo, Sodré “denuncia” a relação “feudal” entre clube e jogador, criticando o que era conhecido como “Lei do Passe”.

---

<sup>5</sup> Santos viria ainda a publicar em 1981 *História Política do Futebol Brasileiro*, dentro da coleção *Tudo é História* da Editora Brasiliense. O tom crítico, baseado na tradição marxista, permeia todo este trabalho que, ainda assim, aponta para a importância de se estudar o tema no país, não qualificando o objeto simplesmente como “ópio do povo”.

As críticas e os argumentos contidos nestes trabalhos, ainda que alguns possam parecer piegas ao olhar da contemporaneidade, faziam sentido para a época em que foram escritos, além de terem contribuído, de uma forma ou de outra, para o surgimento do campo acadêmico. Destaquemos que o texto de Sodré (1984) mencionado acima talvez tenha sido a primeira análise acadêmica sobre o futebol inserida mais clara e assumidamente dentro da área da “Teoria da Comunicação”<sup>6</sup>.

### 3. O futebol como um “drama” da vida social brasileira

Mais adiante, esta perspectiva que denominamos aqui como “apocalíptica” deu lugar a outra “marcada pela antropologia e a história, sobretudo por suas aproximações metodológicas, que pretendeu entender o fenômeno esportivo sob a perspectiva dos de dentro, dos nativos, dos que sentem paixão ou amor pelo esporte” (Lovisoló, 2002). E, nesta virada, os trabalhos de DaMatta tanto em *Carnavais, Malandros e Heróis* quanto em *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira* foram preponderantes. Ainda naquele período, como dissemos anteriormente, era comum que os escritos sobre a temática lamentassem o descaso das ciências sociais sobre um fenômeno tão abrangente no país<sup>7</sup>. Passadas quase três décadas desde a publicação da obra supracitada, podemos dizer que o descaso inexistente e que hoje proliferam estudos e grupos de trabalhos em congressos científicos que tratam do tema<sup>8</sup>.

O livro *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*, organizado por Roberto DaMatta e publicado em 1982, reuniu artigos de quatro cientistas sociais incluindo o próprio DaMatta. A obra, editada pela Pinakothek, possui um acabamento refinado para os padrões editoriais brasileiros, com capa dura e ilustrada por gravuras de diversos artistas brasileiros. Ela pode ser considerada o “pontapé inicial” para a formação estrutural dos estudos acadêmicos sobre o futebol no país

---

<sup>6</sup> O artigo de Rodrigues (1992) mencionado anteriormente, ainda que possamos inseri-lo dentro de uma perspectiva comunicacional, já que se utiliza de análise de material jornalístico, estaria mais voltado conceitualmente para o campo da antropologia. Vale aqui uma menção ao artigo de Anatol Rosenfeld “O futebol no Brasil” publicado na revista *Argumento*, ano 1, número 4, de 1974. Rosenfeld era alemão, escritor e crítico de teatro e viveu muitos anos no Brasil. Este artigo tinha sido publicado originalmente em alemão, em 1956. Ele é citado em alguns trabalhos no início do surgimento do campo.

<sup>7</sup> O próprio DaMatta faz esta alusão na introdução do livro.

<sup>8</sup> Uma das demonstrações de crescimento do campo no país se verifica na criação e expansão de grupos de trabalho e núcleos de pesquisa sobre o fenômeno esportivo em congressos científicos como, por exemplo, Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM -, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS -, Associação Brasileira de Antropologia – ABA -, Sociedade Brasileira de Sociologia – SBS -, entre outros.

utilizando-se de uma perspectiva ritualística, procurando entender o fenômeno como um “drama” da sociedade brasileira. Além de DaMatta, os outros autores eram Luiz Felipe Baêta Neves Flores, Simoni Lahud Guedes e Arno Vogel.

O próprio DaMatta abre a coletânea com “Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro”. O autor deixa claro, logo no início do artigo, que vai se utilizar do futebol para entender a sociedade brasileira, ou seja, como um meio para se entender o Brasil e não como um fim em si mesmo: “é parte do meu entendimento que quando eu ganho uma certa compreensão sociológica do futebol praticado no Brasil, aumento simultaneamente minhas possibilidades de melhor interpretar a sociedade brasileira.” (DaMatta, 1982: 21). Após criticar a tese do “futebol como ópio do povo” (sem citar os autores que assim o entendiam), DaMatta passa a “reivindicar” uma “sociologia do esporte” no país e a elaborar questões sobre as dramatizações do futebol no Brasil – a questão do destino em oposição à biografia e o problema das regras universais em oposição ao desejo de grupos e indivíduos. Utilizando-se da tese defendida em *Carnavais, Malandros e Heróis* de que a raiz do dilema brasileiro estaria centrada em uma tensão entre códigos pessoais e impessoais, o autor defende a hipótese do futebol como um “drama da vida social, como um modo privilegiado de situar um conjunto de problemas significativos da sociedade brasileira” e conclui apostando que “o futebol seria popular no Brasil porque ele permite expressar uma série de problemas nacionais, alternando percepção e elaboração intelectual com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos” (DaMatta, 1982: 40).

O segundo artigo da coletânea é de autoria de Luiz Felipe Baêta Neves Flores e se intitula “Na Zona do Agrião: sobre algumas mensagens ideológicas do futebol”. Neves Flores analisa algumas mensagens oriundas do futebol que se relacionariam com o que ele chamou de a) ideologia da permanência e b) ideologia da transformação social. Assim, o autor analisa a mobilidade social por meio do esporte e a identificação dos fãs com os ídolos do esporte, a questão do tempo e espaço do “jogo de futebol” como fatores pré-determinados, a ideologia política – como o nacionalismo e o populismo, por exemplo -, que surge do futebol, os símbolos criados pelas torcidas, o elemento lúdico do “drible” e as vaias, entre outros temas. O artigo poderia ser encaixado dentro do campo de estudos denominado de “representações sociais”. Neves Flores conclui afirmando que o futebol é “um universo em aberto, onde as linhas gerais de uma ideologia crítica da sociedade, de uma possível

transformação parecem estar ancoradas na torcida em sua ampla variedade de representações” (Neves Flores, 1982: 57).

Simoni Lahud Guedes em “Subúrbio: celeiro de craques” inicia com a, na época costumeira, crítica ao “descaso” das ciências sociais em relação ao fenômeno. A partir daí, Guedes apresenta o resultado de sua pesquisa com operários de uma fábrica têxtil do Rio de Janeiro, em relação ao que ela denominou de “carreira do jogador de futebol frustrado”. A autora nos mostra como o sonho de ser jogador de futebol de sucesso é alimentado pelos meios de comunicação de massa, que difundem a história de vida dos maiores astros do esporte. Guedes analisa também o momento em que o “sonhador” desiste do sonho depois de sucessivas chances e treinos e de como este momento é, na verdade, um processo longo e dramático. Por fim, a autora analisa o período em que “o sonho acaba, mas a brincadeira recomeça” (Guedes, 1982: 71). Este período é caracterizado pelas conhecidas “peladas”, momento em que o futebol “torna-se de novo importante como uma forma de sociabilidade na vizinhança e passa a compor, junto com o samba, a cerveja e as comidas antes proibidas (...) as ‘festividades’ locais. (Guedes, 1982: 71). Cabe destacar que entre os autores da coletânea, Guedes foi e continua sendo a única que continuou realizando pesquisas sobre futebol<sup>9</sup>.

Arno Vogel em seu “O Momento Feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional” inicia com uma crítica à tese do futebol como “ópio do povo”. Talvez essa fosse a senha para a entrada do futebol no rol dos estudos acadêmicos, principalmente para esta noção de esporte como “drama” da vida social. Seu artigo trata de analisar dois momentos considerados emblemáticos na história do futebol brasileiro: a derrota na final da Copa de 1950 e o tricampeonato em 1970. É muito provável que Vogel não se desse conta quando escrevia seu artigo que estava inaugurando uma “tradição” de trabalhos voltados para a relação entre futebol e identidade nacional no país. Após uma análise detalhada das “celebrações” da derrota em 1950 e da vitória em 1970, Vogel afirma ao final de seu trabalho que “a tragédia do Maracanã foi tão importante para a construção da nossa identidade quanto a glória no México”<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup>Dentro da temática “carreira de jogador de futebol”, abordada por Guedes, é importante ressaltar também o trabalho de Benzaquen de Araujo *Os Gênios da Pelota - Um Estudo do Futebol como Profissão*, dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRJ, em 1980.

<sup>10</sup> Vale destacar aqui o livro de Paulo Perdigão *Anatomia de uma Derrota*, Porto Alegre, L&PM, 1986. O livro reproduz o jogo final entre Brasil e Uruguai em 1950, minuto a minuto, por meio de uma minuciosa pesquisa nas transmissões de rádio da época.

Em suma, os quatro artigos do *Universo do Futebol* contribuíram significativamente para o início da construção estrutural do campo acadêmico sobre o futebol no país, em um momento em que o país iniciava sua jornada rumo ao regime democrático. O tom ensaístico, sem pesquisa empírica – exceto o trabalho de Guedes – se justifica pela quase ausência de estudos no campo à época. A ideia de se estudar o futebol como um “drama” da vida social “vingou” e marca o início dos estudos acadêmicos sobre o tema em contraste com a perspectiva “apocalíptica” de antes.

Alguns anos após a publicação da obra citada foi fundado – em 1990 - o Núcleo de Sociologia do Futebol da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, por Mauricio Murad. Consideramos esta fundação muito importante para se consolidar o campo, pois o Núcleo, além de agregar diversos pesquisadores das universidades em encontros e eventos, criou e publicou durante a década de 1990 a revista *Pesquisa de Campo*, com o objetivo de difundir os trabalhos acadêmicos sobre futebol<sup>11</sup>. Muitos pesquisadores que realizavam pesquisas isoladas sobre o fenômeno futebolístico no país encontraram nesta revista um lugar de divulgação e de intercâmbio de pesquisas e reflexões.

#### **4. A questão futebol e nação brasileira: o debate em torno do livro *O negro no futebol brasileiro* de Mário Filho**

Quando o campo já se reconhecia e era reconhecido por outras áreas como “campo” surge um debate crítico sobre a validade de testemunho histórico do livro do jornalista Mário Filho, *O Negro no Futebol Brasileiro*. Debate este que está estreitamente relacionado à questão futebol e identidade nacional. O ponto de partida para a discussão foi o fato de que os pesquisadores da década de 1980 até meados da década de 1990 sempre que tratavam de estudar o futebol brasileiro sob o ponto de vista histórico iam buscar no livro de Mario Filho, as fontes para suas análises. O que, de certa forma, não se constituiria para nós exatamente em um problema, tendo em vista, principalmente, o início da consolidação de um campo de estudos, período em que a difusão de trabalhos torna-se mais imperiosa e que, por conta disso, minimizam-

---

<sup>11</sup> Os trabalhos de Guedes (1977), Lever, (1983), Benzaquen de Araújo (1980), Leite Lopes (1994), Caldas (1990), Helal (1990), Witter (1990), Meihy e Witter (1982) e, mais adiante, Murad (1996 e 2007), Toledo (1996, 2000 e 2002), Guedes (1998) Helal (1997) Helal, Soares e Lovisolo (2001), Helal, Lovisolo e Soares (2011), Gordon e Helal (2002), Soares (1994, 1998, 1999 e 2001), Soares e Santoro (2009) Lovisolo (2001 e 2002), Pereira (2000) Proni (2000), Damo (2002 e 2007), Florenzano (1998 e 2009), Antunes (2004), Holanda (2004), Marques (2007), Marques, Carvalho e Camargo (2005), Mello (2009) Gastaldo (2002), Gastaldo e Guedes (2006), entre vários outros, foram também cruciais para dar um estatuto de seriedade acadêmica ao tema.

se e perdoam-se alguns “equivocos”. Porém, concordamos que em algum momento era necessário “provocar” e/ou “sacudir” o campo, ainda que recém-nascido. Sobre este momento inicial, por exemplo, Hugo Lovisolo (2002:4) faz o seguinte comentário crítico:

Ao invés de alienação e controle, as palavras chaves passam a ser singularidade, identidade, emoção, criatividade, estilo, imaginação e outras da mesma matriz. A importância que ganhou a discussão dos estilos nacionais aparece como exemplar metonímico do conjunto das mudanças. O futebol passou a ser exaltado por popular, participativo e enquanto expressão autêntica da cultura ou ser nacional. (...) Os autores que trabalham nesta perspectiva se situam dentro de seus efeitos, sobretudo com sentimentos e emoções positivas em relação ao esporte que retomam e expressam os sentimentos populares e nacionais. (Lovisolo, 2002: 4).

Esta perspectiva, denominada de “romântica” por Lovisolo, sofreu críticas severas e detalhadas de Antonio Jorge Gonçalves Soares (1998, 1999 e 2001), que, em uma análise sobre os trabalhos acadêmicos que se nutriam de forma acrítica do livro de Mario Filho<sup>12</sup>, fonte inspiradora dos “românticos”, iniciou uma polêmica que fez o campo avançar analiticamente nas formas de se estudar os processos de construção do “nacional” por meio do futebol.

A crítica detalhada de Soares está em *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial* – sua tese de doutorado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho, 1998. A tese foi orientada por Hugo Lovisolo, por isso, podemos considerá-lo também um dos mentores do debate. Tivemos a honra de participar da banca de defesa e a partir daí iniciamos uma série de discussões acadêmicas que culminou no debate que apresentamos a seguir. Registremos também a coincidência (teria sido mesmo uma coincidência?) da fundação no mesmo ano – 1998 – do grupo de pesquisa “Esporte e Cultura” da Uerj, cadastrado no CNPq e do qual sou colíder, junto com Hugo Lovisolo. Ou seja, o grupo já surge com o debate. Vamos então a ele.

Para Soares, o livro do jornalista Mario Filho não deveria ser considerado uma fonte fidedigna da história, mas um romance jornalístico. Tendo como referência teórica o trabalho de Wladimir Propp (1984), Soares demonstra que na obra de Mario Filho, “constrói-se” uma narrativa mítica em torno do “herói negro” que, com seu estilo, teria marcado peremptoriamente nosso futebol. Soares observa ainda que Mario

---

<sup>12</sup> Ver Soares (1998) e Soares *in* Helal, Soares e Lovisolo (2001).

Filho introduziria modificações na segunda edição de 1964, apesar de escrever no prefácio que teria mantido o texto na íntegra, apenas incluindo dois novos capítulos, atualizando a narrativa. Soares mostra que trechos sobre o “poder democrático do futebol e o fim do racismo foram suprimidos na segunda edição (...)” e que “as supressões dos textos, que indicam a realização da democracia racial na primeira edição<sup>13</sup>, poderiam ser interpretadas como uma releitura de Mario Filho sobre o racismo brasileiro” (Soares, 2001:23). A partir de uma análise minuciosa do livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, nas suas duas edições, Soares conclui que o mesmo deve ser apreendido pelas ciências sociais como um “romance de tipo realista que pode fornecer o clima ou certa visão da sociedade traduzida em termos de arte” (Soares, 2001:45). Porém, ele insiste na necessidade imperiosa de os pesquisadores acadêmicos buscarem outros documentos e fontes primárias, para se evitar a promoção de um “discurso romântico de construção de nação” (Soares, 2001:45). Além disso, Soares aponta para a necessidade de se contextualizar o período em que a obra foi escrita:

(...) a utilização acrítica de dados e interpretações do NFB faz com que os ‘novos narradores’<sup>14</sup> acabem por incorporar o viés nacionalista que inspirou Mario Filho, embora desejem atacar a democracia racial e acentuar o racismo ou a segregação na sociedade brasileira. (Soares, 2001:15)

Helal e Gordon (1999 e 2001) não discordam do fato apontado por Soares de que o livro de Mario Filho teria “construído” uma narrativa mítica do futebol brasileiro. No entanto, estes autores questionam a “dureza” no tratamento dado por Soares ao valor de “testemunho histórico” da obra. Além disso, Helal e Gordon partem do princípio de que as dramatizações de um fato são, do ponto de vista sociológico ou da teoria da comunicação, freqüentemente mais relevantes do que o “fato em si”, na compreensão da produção de sentidos oriundos das narrativas jornalísticas<sup>15</sup>. Compartilham com Orlandi (2003:13) no sentido de que não estão pensando “a história dos fatos, e sim o processo simbólico, no qual, em grande

---

<sup>13</sup> A primeira edição é de 1947, portanto anterior a derrota da seleção brasileira na final da Copa do Mundo de 1950 e a conquista do bicampeonato em 1962. A análise comparativa que Soares faz da obra de Mário Filho em suas duas edições pode ser considerada inédita e pioneira.

<sup>14</sup> NFB leia-se *O Negro no Futebol Brasileiro*. “Novos narradores” foi a forma que Soares denominou os pesquisadores que se nutriam do livro do jornalista de forma acrítica. Eram eles principalmente José Sérgio Leite Lopes, Maurício Murad e Cesar Gordon Junior.

<sup>15</sup> A esse respeito ver Bird, Elisabeth S. e Dardenne, Robert W. in Traquina, Nelson (1999) e Mariani, Bethânia S. Corrêa in Orlandi, Eni Puccinelli (2003). Aliás, as duas coletâneas são extremamente relevantes para os estudos sobre o papel das narrativas jornalísticas na “construção” das identidades locais e nacionais. Mais recentemente ver também Sodrê, Muniz (2009).

medida, nem sempre é a razão que conta: inconsciente e ideologia aí significam. Não é a cultura ou a história factuais, mas a das lendas, dos mitos, da relação com a linguagem e com os sentidos”. Assim, eles questionam:

(...) a ‘versão oficial’ da trajetória do negro neste esporte tal qual narrada por Mario Filho, isto é, dentro da moldura integracionista da democracia racial brasileira, não estaria revelando alguma coisa do sentimento de ser brasileiro? Não seria interessante procurar investigar por que o mito da democracia racial, da mistura como valor, tem uma eficácia tão grande? (Helal e Gordon, 2001: 68).

E ainda:

Restaria perguntar se todas as histórias oficiais sobre formação de identidades nacionais não seriam, de fato, construções que, mesmo que incentivadas por uma elite, só fazem sentido, só se tornam oficiais, quando ‘colam’ com os anseios da população (...) Não existiria uma relação dialética entre elite (discurso erudito) e povo (discurso popular)? O que percebemos, enfim, é que essas essencializações, das quais a construção de uma identidade nacional faz parte, são eficazes, possuem ‘materialidade’, mesmo sendo simbólicas (...). (Helal e Gordon, 2001:69).

Lovisoló (2001:78), ao comentar brevemente este debate, diz que apesar de reconhecer no jornalismo uma “fonte de conhecimento empírico e compreensão de processos”, entende que a história e as sociologias dos esportes não podem se reduzir a dizer em linguagem sociológica (...) o dito pelos jornalistas naquela linguagem que é dirigida à emoção e imaginação dos amantes dos esportes, atletas e torcedores.” E, de forma mais contundente, sentencia que: “uma das fontes da ‘crise’ das ciências sociais talvez esteja em que se produzem muitos trabalhos de difícil distinção das matérias jornalísticas.”(Lovisoló, 2001: 78).

O debate foi publicado originalmente na revista *Estudos Históricos*, número 23, da Fundação Getúlio Vargas, em 1999 e, mais adiante, no livro *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*, organizado justamente por Helal, Soares e Lovisoló, pela Editora Mauad em 2001, com segunda reimpressão em 2007. A discussão teve uma expressiva repercussão nos estudos acadêmicos que lidavam com a historiografia do futebol brasileiro. Esta repercussão evidenciava-se nos debates travados no grupo de pesquisa “Esporte e Cultura” da Uerj, liderado por Helal e Lovisoló, no então recém-criado (2002) grupo de trabalho “Esporte, Política e Cultura” da Anpocs<sup>16</sup>, e no cuidado que os pesquisadores passaram a ter ao lidar com o livro de Mario Filho.

---

<sup>16</sup> O GT foi reestruturado e hoje se chama “Esporte e Sociedade”. Atualmente está sob a coordenação de Arlei Damo e Jorge Ventura.

Inclusive, na quarta edição do livro de Mário Filho, editada pela Mauad em 2003, o cientista político Luis Fernandes, quem assina o prefácio, faz uma menção à uma das críticas de Soares publicada no livro *A Invenção do País do Futebol*.

Resumidamente, podemos dizer que o debate tratava, em última instância, das formas de se entender os mecanismos utilizados por agentes sociais (da imprensa, do meio acadêmico, da política) para integrar o país utilizando-se da força aglutinadora do futebol, principalmente da seleção brasileira e, ainda mais especificamente, das atuações da seleção em períodos de Copas do Mundo. Concordamos com Lovisolo que o material jornalístico deva ser utilizado como objeto de estudo, de análise crítica das narrativas, e não simplesmente ser reproduzido em outra linguagem.

Neste processo evidencia-se a necessidade de se entender como os recursos acionados por agentes sociais foram eficazes na “construção” de uma identidade nacional por meio do futebol. Ao formular questões relativas às narrativas jornalísticas sobre formação de identidades, torna-se crucial procurar entender o processo de constituição de uma determinada “construção”. O trabalho de Pereira (2000), por exemplo, mesmo concentrando-se no futebol do Rio de Janeiro e abrangendo somente o período entre 1902 e 1938, caminha nesta direção, assim como os artigos publicados na seção “futebol”, dirigida por Lovisolo, na revista eletrônica *Polêmica/Imagem* da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Passado aquele momento de se olhar acriticamente uma única fonte de dados – o livro de Mario Filho –, os estudos sobre questões identitárias por meio do esporte passaram a tratar de forma mais cuidadosa e crítica as fontes, incluindo não somente o livro de Mario Filho, mas também o material jornalístico de diversos períodos e até anúncios publicitários<sup>17</sup>.

## **5. O País do Futebol. O País do Futebol?**

Por ocasião do lançamento do livro *A Invenção do País do Futebol*, citado anteriormente, os autores deram uma entrevista para o Jornal *O Globo* (01/10/2000) e em determinado momento, Lovisolo ao ser perguntado pelo repórter sobre os impactos da derrota do futebol brasileiro nas Olimpíadas de então, respondeu direta e enfaticamente:

---

<sup>17</sup> Ver Helal e Vieira (2011) para uma análise que busca contribuir para o debate em torno do livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, confrontando o relato de Mário Filho sobre uma determinada partida ocorrida em 1923 com jornais da época. Sobre anúncios publicitários em períodos de Copa do Mundo, ver Gastado (2002). E ainda para análises sobre recepção e futebol, ver os trabalhos de Gastado (2005, 2006A e B e 2009).

“Nenhum. O orgulho nacional não sofre mais com as derrotas. Há uma diversificação de interesses em outras modalidades de esporte e lazer, o futebol já não tem tanto peso.” E concluiu: “a pátria calça chuteiras cada vez menores”, em alusão a uma famosa imagem brasileira, a *pátria de chuteiras*, cunhada pelo dramaturgo e escritor brasileiro Nelson Rodrigues para expressar a relação que sempre percebemos entre a identidade nacional brasileira e seleção nacional de futebol. Nos chamou a atenção tanto quanto a afirmação de Lovisoló o que o editor fez com ela, a colocando no título da matéria: “A Pátria Calça Chuteiras Cada Vez Menores” (*O Globo*, 01/10/2000 – seção de esportes). Ora, á parte certo radicalismo, a frase não é um delírio, e talvez estivesse expressando, de fato, um sentimento ou um “clima” que se começou a divisar no fim do século. Se compararmos a situação atual com a forte carga emocional expressa na derrota na copa de 1950, por exemplo, ou no tricampeonato em 1970, podemos mesmo especular sobre o fato de estarmos assistindo a um declínio no interesse pelo futebol. Hoje, portanto, ao contrário de décadas atrás, seria lícito perguntar, afinal, se o Brasil está deixando de ser o país do futebol.

O fato é que a partir deste momento, alguns pesquisadores do grupo de pesquisa “Esporte e Cultura” da Uerj começaram a focar seus estudos na direção do suposto declínio do “país do futebol” ou da “pátria de chuteiras”<sup>18</sup>. Gostaríamos então de apresentar, sucintamente, algumas destas reflexões, cientes, uma vez mais, do recorte arbitrário que estamos fazendo ao privilegiarmos os trabalhos do referido grupo. Acreditamos, no entanto, que este recorte toca em um ponto basilar para as reflexões em torno da equação “futebol-nação brasileira”.

Desde que chegou ao país, o futebol passou por um processo de incorporação cultural até se constituir no que chamamos de “paixão nacional”, como se afirmássemos que o nosso futebol é o melhor do mundo e o Brasil é o lugar onde mais se ama e se entende do assunto. Isso está sintetizado no epíteto “Brasil, país do futebol” que, em períodos de Copas do Mundo, ganha uma dimensão mais intensa. Porém, mesmo aqui, as narrativas jornalísticas em torno da seleção já não tratam de forma homogênea o futebol como metonímia da nação. A derrota na final para o Uruguai em 1950 e a conquista do tricampeonato em 1970 foram sentidas como derrota e vitória de projetos de nação

---

<sup>18</sup> Ver Helal e Soares (2004 ) Gordon e Helal (2002 ) e Helal, Cabo e Silva (2009), por exemplo. Ver também Gastaldo (2006B) sobre as representações da seleção brasileira em jornais do Rio Grande do Sul durante a Copa do Mundo de 2002.

brasileira<sup>19</sup>. Já as vitórias em 1994 e 2002 e a derrota na final para a França em 1998 – bem como as derrotas em 2006 e 2010 - não transcenderam o terreno esportivo e foram comemoradas e sofridas como vitórias e derrotas esportivas. Claro que a Copa do Mundo possui uma estrutura narrativa que estimula os nacionalismos. O encanto desta competição encontra-se justamente no fato de acreditarmos que as nações estão representadas por 11 jogadores. O futebol não é a nação, mas a crença de que ele o é move as paixões durante um Mundial. Mas ao compararmos a situação atual com a carga emocional de 1950 e 1970 especulamos sobre a possibilidade de estarmos assistindo a um declínio do interesse pelo futebol como emblema da nação. Mas afinal, por que dissemos que o Brasil é o país do futebol?

O “país do futebol” foi uma “construção” social realizada por jornalistas e intelectuais em um momento de consolidação do “estado-nação”, acompanhada por formulações acadêmicas sobre a sociedade. Foi, de fato, a partir dos anos 1930 que se apresentaram novas formas de conceituar o país. Se antes, pelas lentes de um acadêmico como Oliveira Vianna, por exemplo, a miscigenação racial era vista como uma explicação para o “atraso” do país, a partir da obra clássica de Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala*, a mistura passa a ser entendida como um valor positivo e força maior da população brasileira. Dentro do projeto nacionalista e integracionista do Estado Novo, esta forma de entender a cultura se consolida no país. Neste sentido, Mário Filho, um dos fundadores do jornalismo esportivo no Brasil, foi fundamental para a utilização do futebol como um meio de se “construir” uma ideia de nação brasileira. Filho era amigo de Gilberto Freyre, que prefaciou sua obra mais conhecida, *O Negro no Futebol Brasileiro*, onde a junção do futebol com a nação se torna mais evidente. Freyre, por sua vez, escreve em sua coluna no Diário de Pernambuco do dia 18 de junho de 1938, “Foot-ball mulato”, um artigo que se tornou fundamental para a simbologia do futebol. Neste artigo, Freyre louva a miscigenação racial e afirma que ela funda certo estilo de jogo que seria típico do Brasil – uma “dança dionisíaca”, o que tempos depois se convencionou chamar de “futebol-arte”. Freyre e Filho foram agentes fundamentais do sucesso da “construção” do “país do futebol”.

Neste sentido, o “país do futebol” não é uma realidade natural, mas sim uma construção realizada por agentes – da imprensa, do meio acadêmico e da política – em um determinado momento histórico. Dissemos que somos o “país do futebol” como uma

---

<sup>19</sup> Ver por exemplo DaMatta (1982) e Vogel (1982).

forma de nos sentirmos distintos, únicos, singulares. O futebol – com suas conquistas e o suposto “estilo dionisíaco”<sup>20</sup> – seria um representante exemplar do Brasil para o mundo.

No entanto, suspeitamos que a tendência da globalização da cultura em curso, que teve nos esportes um veículo de encontro, de apropriações entre os diferentes estados-nações, estaria transformando a identidade nacional sintetizada como narrativa homogênea na “pátria de chuteiras”.

O jogador que veste a camisa nacional também representa clubes da Europa, além de empresas multinacionais. As marcas empresariais estão amalgamadas com o fenômeno esportivo. Kaká, por exemplo, pode ser ídolo de brasileiros, mas também de italianos e espanhóis. As camisas e produtos associados a ele são vendidos em todas as partes do mundo. A televisão transmite em tempo real um jogo do Real Madrid para todos os continentes. Esse processo de desterritorialização do ídolo e do futebol cria um novo processo de identidade cultural. Na medida em que se coloca a ênfase do futebol como um produto a ser consumido em um mercado de entretenimento cada vez mais diversificado, sem um projeto que o articule a tais instâncias mais inclusivas, o que se consegue é esgarçar cada vez mais o vínculo estabelecido antes, com Freyre e Filho.

Então questionamos: se o futebol esteve longamente associado à identidade brasileira, o que acontece quando a pós-modernidade enfatiza a pulverização das identidades? Se este esporte foi um mecanismo integrador, o que acontece quando, em tese, não há mais o que integrar? Como o futebol poderá ser representado na sociedade se o importante não for mais juntar (negros com brancos, interior com capital, moderno com arcaico), mas separar (grupos étnicos, grupos religiosos, cidades com seus regionalismos particulares, bairros dentro de cidades, condomínios dentro de bairros, shoppings dentro de condomínios)? Sucumbirá o futebol na pós-modernidade, deixando patente que pertenceu, de fato, à modernidade, e em certa medida, ajudou a construir essa modernidade no Brasil? Ou sobreviverá, anunciando que essa pós-modernidade jamais poderá ser completa, pois necessitamos viver sob o signo da nacionalidade, como se “todo o Brasil desse a mão em um só coração”?

Estas questões – elaboradas com o intuito de “provocar” a reflexão social sobre o futebol no Brasil - são “boas para pensar” e podem nos ajudar a entender o processo e o significado da construção do “país do futebol”, bem como o esmaecimento do epíteto em momentos históricos distintos.

---

<sup>20</sup> Para uma discussão a respeito do estilo de jogo do futebol brasileiro, ver Soares e Lovisolo (2003).

Em suma, o que nós, do grupo de pesquisa “Esporte e Cultura”, nos propomos a refletir é sobre como o futebol foi um elemento primordial na história recente do país, em sua transição de uma sociedade rural para uma moderna sociedade urbana, e como seu papel já não é o mesmo daqueles tempos. Com efeito, assistimos atualmente a um declínio do interesse pela seleção. Certamente, o torcedor de Copa do Mundo ainda conserva seu “nacionalismo quadrienal”, atrelado à seleção, mas a “pátria de chuteiras” perdeu muito da sua carga simbólica. Este é o ponto que merece ser investigado. E, por isso, resta observar como os brasileiros irão se articular em torno deste simbolismo diante de dois eventos emblemáticos como a Copa do Mundo de 2014, organizada no país, e as Olimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro. Seremos testemunhas de um resgate simbólico de um nacionalismo exacerbado ou a espetacularização dos eventos nos moldes do capitalismo do século XXI diluirá a identificação nacional?<sup>21</sup> Outra questão “boa para pensar”.

## 6. Conclusões Provisórias

O campo acadêmico em torno dos estudos sobre o futebol já está consolidado. Os diversos estudos em torno do tema demonstram a fertilidade do fenômeno, bem como comprovam sua possibilidade de ser abordado por múltiplos ângulos de análise. Vivemos um momento único nesta trajetória, com a Copa de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, ambos os eventos a serem sediados pelo país. As análises em torno de questões envolvendo a equação “futebol-nação” (e/ou “esporte-nação”), ídolos/heróis globalizados e/ou locais, midiaticização do espetáculo, esporte e redes sociais na internet, etc., terão um momento privilegiado de investigação. Nunca o esporte de massa foi tão importante como objeto de estudo seja como um meio para entender a cultura e/ou as relações entre elas, seja como um fim em si mesmo, para adquirirmos mais conhecimento sobre este universo.

Observamos com satisfação que o tema envolvendo “comunicação e esporte” vem crescendo vertiginosamente. No segundo semestre de 2010 tivemos o prazer de editar um número especial da revista *Logos* da FCS/Uerj que tratava de um dossiê temático sob o título “Comunicação e Esporte”. No momento, muito nos honra poder contribuir para este número da revista *Comunicação, Mídia e Consumo* da ESPM – reconhecidamente uma das mais prestigiosas da área da Comunicação - que também tem como tema “Comunicação e Esporte”. O que buscamos neste artigo foi apresentar,

---

<sup>21</sup> Para um aprofundamento maior de estas questões, ver Helal (2010), Helal, Cabo e Silva (2009) e Gordon e Helal (2002) .

ainda que resumidamente e, por conseguinte com inevitável arbitrariedade, a trajetória pela qual passou o campo relativo aos estudos sociológicos sobre o futebol- com ênfase nas questões comunicacionais - apresentando, em linhas gerais, as principais questões e debates.

A trajetória do campo se inicia paradoxalmente com a crítica à escassez de estudos sobre um fenômeno tão abrangente no país e se consolida com a proliferação de trabalhos e vários grupos e núcleos de estudos<sup>22</sup>. Passando pela perspectiva que denominamos de “apocalíptica”, pelo entendimento do esporte como um “drama” da vida social, pela discussão em torno do livro de Mário Filho até os recentes estudos sobre o esmaecimento da equação “futebol-nação”, o caminho para a formação do campo produziu trabalhos emblemáticos, fundamentais para o entendimento de vários fenômenos oriundos do universo esportivo. O campo segue bastante dinâmico e produtivo o que é uma demonstração da sua força e amplitude ainda que, conforme colocação de Gastaldo (2010), “a organização política dos/as pesquisadores/as desta área ainda revela traços de incipiência típicos de um campo em formação”. Falando especificamente da comunicação, talvez estejamos mesmo carentes de maior organização institucional a que se refere Gastaldo. Não obstante, estamos otimistas de que caminhamos neste sentido. O grupo de pesquisa “Comunicação e Esporte” da Intercom, atualmente sob a coordenação de Márcio de Oliveira Guerra, por exemplo, pode ser visto como um local profícuo para começarmos a suprir esta carência<sup>23</sup>.

### **Referências Bibliográficas**

- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. Lisboa, Presença, 1980.
- ANTUNES, Fátima. ‘Com Brasileiro, não há quem possa’ *Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*. SP, Unesp, 2004.
- BENZAQUEM de Araújo, Ricardo. *Os Gênios da Pelota*. Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1980. (Dissertação de mestrado).
- BIRD, Elisabeth S. e DARDENNE, Robert W. “Mito, registo e ‘estórias’: explorando as qualidades narrativas das notícias”. In TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e ‘estórias’*. Lisboa, Vega, 1999.

---

<sup>22</sup> Cabe citar aqui o NUPESCEC – Núcleo de Pesquisa Comunicação, Esporte e Cultura – da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (<http://www.ufjf.br/nupescec>), o NEPESS – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade, da Universidade Federal Fluminense (<http://www.historia.uff.br/nepess>), o NESF - Núcleo de Estudos e Pesquisas de Sociologia do Futebol da Universidade Federal de Pernambuco (<http://nesfutebol.blogspot.com>), além do nosso “Esporte e Cultura” (<http://comunicacaoesporte.wordpress.com>), mencionado anteriormente no artigo, entre outros.

<sup>23</sup> Ver a compilação de alguns textos do grupo em Marques (2007) e em Marques, Carvalho e Camargo (2005)

- CALDAS, Waldenyr. *O Pontapé Inicial: Memória do Futebol Brasileiro*. São Paulo, Ibrasa, 1990.
- DAMATTA, Roberto (org). *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- DAMO, Arlei. *Futebol e Identidade Social*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Do Dom À Profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec, Anpocs, 2007.
- DORFMAN, Ariel e MATTELART, Armand. *Para ler o Pato Donald: comunicação em massa e colonialismo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo, Perspectiva, 1979.
- FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1964. (Ver também a quarta edição editada pela Mauad em 2003).
- FLORENZANO, José Paulo. *A Democracia Corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro*. São Paulo, EDUC-Editora PUC-SP, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Afonsinho e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo, Musa Editora, 1998.
- FLORES, Luis Felipe Baêta Neves. “Na Zona do Agrião: algumas mensagens ideológicas do futebol”. In DAMATTA, Roberto (org). *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro Pinakotheke, 1982.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1987 (25ª edição).
- HOLANDA, Bernardo Buarque. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2010.
- GASTADO, Édison. *Pátria, Chuteiras e Propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo*. São Leopoldo, Unisinos, 2002.
- \_\_\_\_\_. “Estudos Sociais do Esporte: vicissitudes e possibilidades de um campo em formação. Rio de Janeiro, *Revista Logos* 33, Uerj, 2010.
- \_\_\_\_\_. “Futebol, mídia e interações sociais entre torcedores no Brasil: um estudo etnográfico.” México, *Razón y Palabra*, v. 69, 2009.
- \_\_\_\_\_. “‘Os Campeões do Século’: notas sobre a definição da realidade no futebol-espetáculo”. In GASTALDO, Édison e GUEDES, Simoni (orgs.). *Nações em Campo: Copa do Mundo e Identidade Nacional*, Niterói, Intertexto, 2006A.
- \_\_\_\_\_. “A Pátria na ‘Imprensa de Chuteiras’: futebol, mídia e identidades brasileiras”. In GASTALDO, Édison e GUEDES, Simoni (orgs.). *Nações em Campo: Copa do Mundo e Identidade Nacional*, Niterói, Intertexto, 2006B.
- \_\_\_\_\_. “O Complô da Torcida”: futebol e performance masculina em bares”. *Horizontes Antropológicos*, vol.11, número 24, Porto Alegre, Unisinos, 2005.
- GASTALDO, Édison e GUEDES, Simoni (orgs.). *Nações em Campo: Copa do Mundo e Identidade Nacional*, Niterói, Intertexto, 2006.
- GORDON, Cesar e HELAL, Ronaldo. “The Crisis of Brazilian Football: perspectives for the twenty-first century”. In: J.MANGAN, J.A. e DACOSTA, LAMARTINE (orgs.), *Sport in Latin American society: past and present* – Londres, Frank Cass Publishers., 2002.
- GUEDES, Simoni Lahud. *O Futebol Brasileiro: instituição zero*. Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1977. (Dissertação de Mestrado).
- \_\_\_\_\_. “Subúrbio: celeiro de craques”. In DAMATTA, Roberto (org). *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro Pinakotheke, 1982.

- \_\_\_\_\_. *O Brasil no Campo de Futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói, EDUFF, 1998.
- HELAL, Ronaldo. “As Novas Fronteiras do País do Futebol”. *Pesquisa Rio /Faperj*, volume 1, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil - Petrópolis*, Vozes, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O Que É Sociologia do Esporte*. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo e SOARES, Antonio Jorge. *Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: interações*. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2011 (no prelo).
- HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio e LOVISOLO, Hugo. *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro, Mauad, 2001 (2ª reimpressão em 2007).
- HELAL, Ronaldo e GORDON, Cesar. “Sociologia, História e Romance na Construção da Identidade Nacional Através do Futebol”. *Estudos Históricos* 23, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- \_\_\_\_\_. “Sociologia, História e Romance na Construção da Identidade Nacional Através do Futebol”. In HELAL, Ronaldo; SOARES Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro, Mauad, 2001.
- HELAL, Ronaldo e SOARES, Antonio Jorge G. “O Declínio da Pátria de Chuteiras: imprensa, futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002”. In PEREIRA, Miguel, GOMES, Renato e FIGUEIREDO, Vera. *Comunicação, Representação e Práticas Sociais*. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2004.
- HELAL, Ronaldo e VIEIRA, João Paulo. “Mário Filho, Jornalismo e Romance: um estudo de caso”. In CAMPOS, Flávio (org.) *Futebol: objeto das ciências humanas*. São Paulo, Editora Larousse, 2011 (no prelo)..
- HELAL, Ronaldo, CABO, Alvaro e SILVA, Carmelo. “Pra Frente Brasil! Comunicação e Identidade Brasileira em Copas do Mundo”. *Esporte e Sociedade*, ano 5, número 13, 2009.
- HOLANDA, Bernardo Buarque. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro, Edições Biblioteca Nacional, 2004.
- KLINTOWITZ, Jacob. “A implantação de um modelo alienígena exótico e outras questões pertinentes: a seleção brasileira de futebol – 1978”. In *Encontros com a Civilização Brasileira*, número 5, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- LEITE LOPES, José Sérgio. “A vitória do futebol que incorporou a pelada”. São Paulo, *Revista USP*. N. 22, 1994.
- LEVER, Janet. *A Loucura do Futebol*. Rio de Janeiro, Editora Record, 1983.
- LOVISOLO, Hugo. “Sociologia do Esporte: viradas argumentativas”. *Anais do XXVI Encontro Anual da Anpocs*. Caxambu, 2002.
- \_\_\_\_\_. “Saudosos futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia”. In HELAL, Ronaldo; SOARES Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro, Mauad, 2001.
- MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa. “Os Primórdios da Imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória”. In ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). *Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas, Pontes, 2003.
- MARQUES, José Carlos. (Org.) *Comunicação e esporte diálogos possíveis*. São Paulo, Artcolor, 2007.

MARQUES, José. Carlos; CARVALHO, Sérgio e CAMARGO, Vera Regina Toledo (Orgs.) *Comunicação e esporte - tendências*. Santa Maria: Pallotti, 2005.

MELLO, Victor Andrade - *Esporte e cinema: novos olhares*. Rio de Janeiro, Apicuri, 2009.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *O Manifesto Comunista – 150 anos depois*. Rio de Janeiro, Contraponto Editora, 1998.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom & WITTER, José Sebastião (orgs.) *Futebol e Cultura: coletânea de estudos*. São Paulo, Imprensa Oficial: Arquivo do Estado, 1982.

MURAD, Mauricio. *Dos Pés à Cabeça: Elementos Básicos de Sociologia do Futebol*. Rio de Janeiro, Irradiação Cultural, 1996.

\_\_\_\_\_. *A Violência e o Futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*. Rio de Janeiro, FGV, 2007.

ORLANDI Eni Puccinelli (org.). *Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas, Pontes, 2003.

PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota*. Porto Alegre, L& PM, 1986.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2000.

PRONI, Marcelo. W. *A metamorfose do futebol*. Campinas: Unicamp. Instituto de Economia, 2000.

PROPP, Wladimir. *Morfologia do Conto Maravilhoso*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1984.

RAMOS, Roberto. *Futebol: ideologia do poder*. Petrópolis, Vozes, 1984.

RODRIGUES, José Carlos. “O rei e o rito”. In RODRIGUES, José Carlos. *Ensaio em Antropologia do Poder*. Rio de Janeiro Terra e Nova, 1992. O artigo foi publicado originalmente na *Revista Comum*, Rio de Janeiro, FACHA, 1978.

ROSENFELD, Anatol. “O Futebol no Brasil”. *Revista Argumento*, ano1, número 4, Paz e Terra, 1974.

SANTOS, Joel Rufino. “Na CBD até o papagaio bate continência”. In *Encontros com a Civilização Brasileira*, número 5, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

SANTOS, Joel Rufino. *História Política do Futebol Brasileiro*. São Paulo, Brasiliense, 1981.

SOARES, Antonio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial*. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Gama Filho, 1998.

\_\_\_\_\_. *Futebol, Malandragem e Identidade*. Vitória, SPDC/Ufes, 1994.

\_\_\_\_\_. “História e a invenção de tradições no campo de futebol”. *Estudos Históricos* 23. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1999.

\_\_\_\_\_. “História e a invenção de tradições no campo de futebol”. In HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge G. e LOVISOLO, Hugo. *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro, Mauad, 2001.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves e SANTORO, Marco. *A Memória da Copa de 1970*. Rio de Janeiro, Autores Associados, 2009.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves e LOVISOLO, Hugo. “Futebol: a construção histórica do estilo nacional”. In *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.25, n.1, Campinas, Autores Associados, 2003.

SODRÉ, Muniz. “Futebol, Teatro ou Televisão”. In SODRÉ, Muniz O Monopólio da Fala. Petrópolis, Vozes, 1977.

\_\_\_\_\_. *A Narração do Fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis, Vozes, 2009

- TOLEDO, Luiz Henrique. *Lógicas no Futebol*. São Paulo, Hucitec/Fapesp, 2002.
- \_\_\_\_\_. *No país do futebol*. Rio de Janeiro, Zahar Editor, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas, Autores Associados/ANPOCS, 1996.
- VOGEL, Arno. “O Momento Feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional”. In DAMATTA, Roberto (org). *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro Pinakothek, 1982.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo, Martin Claret, 2002.
- \_\_\_\_\_. “Classe, Estamento, Partido”. In WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979
- WITTER, José Sebastião. *O Que É Futebol*. São Paulo, Brasiliense, 1990.